



# 16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

---

Eixo: Política Social e Serviço Social

Sub-Eixo: Ênfase em Envelhecimento

## VELHICES E RELAÇÕES DE GÊNERO: UM ESTUDO PRELIMINAR JUNTO ÀS IDOSAS PARTICIPANTES DO GRUPO DE CONVIVÊNCIA UNITERCI/UFPA

Ingrid Castro de Sá Pereira<sup>1</sup>  
Andréa Mello Pontes<sup>2</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa teve como objetivo conhecer, a partir da abordagem crítico-dialético, como as mulheres do Programa Universidade da Terceira Idade da Universidade Federal do Pará (UFPA), vivenciam e percebem a velhice e as relações de gênero. A pesquisa se caracterizou pela observação sistemática e entrevistas semiestruturadas. Utilizaram-se dados secundários provenientes do IBGE/PNAD. A pesquisa permitiu identificar aspectos da diversidade de práticas sociais na velhice feminina. Portanto, foi possível compreender que as participantes da pesquisa vivenciam algumas das expressões da questão social como pobreza, desemprego ou emprego informal, todavia buscam romper paradigmas relacionados à mulher e ao idoso, à medida que tendem a construir práticas de superação da atual condição da mulher idosa na realidade social, em especial no cenário amazônico.

**Palavras-chave:** velhice, gênero, mulher, grupo de convivência.

**Abstract:** This research aimed to know, from the critical-dialectic approach, how the women of the University Program of the Third Age of the Federal University of Pará (UFPA), experience and perceive old age gender relations. The research was characterized by systematic observation and semi-structured interviews. Secondary data from IBGE / PNAD, FAPESPA. The research allowed to identify aspects of the diversity of social practices in female old age. Therefore, it was possible to understand that the participants of this search experience some of the expressions of the social question as poverty, an employer informal employment, but they seek to break paradigms related to women and the elderly, as they tend to build practices to overcome the current condition of elderly woman in social reality, especially in the Amazonian scenario.

**Keywords:** old age, gender, woman, coexistence group.

### I. INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa que resultou no trabalho de conclusão de curso em Serviço Social da Universidade Federal do Pará (UFPA), intitulada “Envelhecimento e Gênero: uma reflexão acerca do Programa UNITERCI” realizada no programa de ensino, pesquisa e extensão Universidade da Terceira Idade (UNITERCI), na qual a estudante participava como bolsista e estagiária e, posteriormente, vinculada ao Grupo de Pesquisa Interfaces, atuando na linha de pesquisa sobre geração. Estas duas experiências

---

<sup>1</sup> Estudante de Pós-Graduação, Universidade Federal do Pará, E-mail: ingridcastrodesa@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor com formação em Serviço Social, Universidade Federal do Pará, E-mail: ingridcastrodesa@gmail.com.

impulsionaram a necessidade de continuar o foco de investigação na população idosa no contexto amazônico.

Observa-se que as temáticas sobre velhices e desigualdade de gênero como expressões da questão social vêm sendo alvo de estudos e produção científica, sobretudo nos meios acadêmicos, que objetivam transcender o enfoque puramente populacional, que são inegáveis, mas considerar, também, que no contexto brasileiro a velhice é o momento no qual é acentuado o pauperismo, uma vez que o valor da aposentadoria para aqueles que têm acesso, é irrisório.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) contínua – Características dos Moradores e Domicílios, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>3</sup>, em 2018, apontou um crescimento da população com 60 anos ou mais, alcançando no ano de 2017 o número 30,2 (trinta milhões e duzentos mil) habitantes idosos no Brasil.

De acordo com Censo Demográfico de 2010, realizado pelo IBGE, o envelhecimento da população no Estado do Pará foi 534,461 (quinhentos e trinta e quatro mil, quatrocentos e sessenta e um) habitantes, no qual 378,528 (trezentos e setenta e oito mil, quinhentos e vinte oito) idosos vivem na zona urbana e 153,933 (cento e cinquenta e três mil, novecentos e trinta e três) idosos vivem na zona rural.

No que diz respeito ao total de homens e mulheres, a pesquisa revelou que 261,041 (duzentos e sessenta e um mil e quarenta e um) são habitantes homens e 273,419 (duzentos e setenta e três mil, quatrocentos e dezenove) são habitantes mulheres, desse modo, confirmando os dados nacionais que indicam a predominância de mulheres nesse segmento etário.

Outrossim, ressalta-se a presença majoritária de mulheres também nos grupos de convivência da terceira idade, demonstrando o seu maior engajamento social tanto familiar como fora dela na velhice, quando comparadas aos homens na mesma etapa da vida.

Nesse sentido, buscou-se conhecer como as idosas, participantes do Programa UNITERCI vivenciam e percebem o processo de envelhecimento e as relações de gênero, reconhecendo a diversidade dos modos de vivenciar, perceber e participar das relações de gênero e do fenômeno da velhice. Desse modo, se concebe a velhice não como um fato total, mas como, a fase da vida carregada de particularidades regionais, de classe social, raça/etnia, geração, gênero, dando sentido a relativização de posições e práticas culturais.

---

<sup>3</sup>Dados retirados do seguinte site: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>.

O artigo foi estruturado da seguinte forma: subdivide-se em 03 (três) itens. No primeiro item foi possível desenvolver considerações sobre as áreas de conhecimento que se apropriam do tema sobre velhice e envelhecimento; o segundo tópico versando sobre envelhecimento, gênero e a mulher idosa; no terceiro item foi realizado um recorte dos resultados dos relatos das idosas entrevistadas e, por fim, as considerações finais, que não concluem esta discussão, pois aqui foram realizadas algumas aproximações com uma temática tão complexa e relevante que muito tem a ser investigada.

## **II. DESENVOLVIMENTO**

### **A diversidade de abordagens sobre o envelhecimento**

Observa-se nas últimas décadas, o expressivo aumento da expectativa de vida da população idosa a nível mundial. Este fato traz importantes repercussões do ponto de vista das condições sociais, tais como, saúde, trabalho, renda, cultura, etc., vivenciadas pelos idosos, que compreendem mudanças na qualidade de vida, bem como as transformações demográficas provenientes da diminuição das taxas de fecundidade e mortalidade.

Seguido desta lógica, a velhice ganha contornos construídos e desconstruídos social e historicamente, atrás de concepções contraditórias. Ao longo da história e em determinadas culturas, a velhice é compreendida como a fase da vida imbuída de experiências e funções consideradas de privilégio perante a comunidade, para outras a velhice é associada à teimosia, doença, solidão, morte, limite físico e social.

Ao longo da década de 70, a produção de conhecimento acerca do processo de envelhecimento, fomentou o estudo e a análise das relações existentes no cotidiano de pessoas idosas. A categoria analítica velhice vêm sendo utilizada em vários campos de estudo como por exemplo a gerontologia (ZIMERMAN, 2000), psicologia (NERI, 2004; KHOURY, 2006), antropologia (ALMEIDA, 2003; BARROS, 2006; DEBERT, 1999), serviço social (TEIXEIRA, 2008), demografia (CAMARANO, 2004), etc.

Na perspectiva do conhecimento científico da gerontologia (do grego *géron*, velho, e *logia*, estudo), o envelhecimento implica transformações do ponto de vista biofisiológico, que são os processos de mudança que ocorrem, principalmente, no meio orgânico do ser humano, e também admite as implicações de fatores psicológicos, sociais, culturais, que atribuem a homens e mulheres singularidades no decorrer da vida. Ou seja, é a ciência que compreende a integração de múltiplos saberes na intervenção junto aos idosos e o processo de envelhecimento.

Numa abordagem psicológica, Khoury (2002) em sua obra intitulada “Controle primário e controle secundário: relação com indicadores de envelhecimento bem-sucedido”, a autora analisa os aspectos objetivos e subjetivos do envelhecimento humano bem-sucedido, recorrendo as definições de controle primário, a saber, controle primário refere-se ao esforço do sujeito de provocar mudanças no ambiente, objetivando adequá-lo a suas necessidades. Já o controle secundário, é o esforço do sujeito para adequar-se ao meio.

Na etapa da vida que compreende os idosos, acredita-se que muitos deles são acometidos por problemas de origem psicológica, como a depressão, solidão, tristeza e ansiedade, por exemplo, visto que o idoso é comumente caracterizado como ranzinza, improdutivo, preguiçoso, doente. Estas noções objetivam depreciar e menosprezar a pessoa idosa, como essas questões não fossem próprias de outras fases da vida também, e que são expostas, similarmente, aos fatores que suscitam tais situações.

Na abordagem geriátrica utilizou-se da perspectiva de Veras (2003), que trata a velhice do ponto de vista médico, em que: privilegia a promoção da saúde integral da pessoa idosa, ressaltando a importância do estímulo da capacidade funcional, ou seja, a capacidade de o indivíduo manter suas habilidades físicas e mentais necessárias a uma vida com autonomia e independência.

Ao dar prosseguimento a discussão do envelhecimento, considera-se relevantes as contribuições de autores que se dedicam ao estudo da antropologia<sup>4</sup>, a fim de refletir aspectos da diversidade e significados construídos em sociedade acerca do processo de envelhecimento. Laplantine (2003), em sua obra “Aprender Antropologia”, esclarece quanto à ciência do homem:

A antropologia não é apenas o estudo de tudo que compõe uma sociedade. Ela é o estudo de todas as sociedades humanas (a nossa inclusive), ou seja, das culturas da humanidade como um todo em suas diversidades históricas e geográficas (LAPLANTINE, 2003, p.12).

Quando se trata o envelhecimento, no campo de estudo do Serviço Social, este processo constitui-se em um desafio que exige novas posturas e investimentos sociais, devido à diversidade que compõe o segmento etário idoso. Por ser uma profissão inscrita na divisão sociotécnica do trabalho, o Serviço Social tem como objeto as múltiplas questões oriundas do modo de produção capitalista, realidade na qual se inscrevem as relações sociais e as necessidades originárias desta sociabilidade.

Iamamoto e Carvalho(2005) afirmam que:

---

<sup>4</sup>De acordo com Laplantine (2003), existem 5 (cinco) áreas principais da Antropologia: Antropologia Social/Cultural, Antropologia Biológica, Antropologia Linguística, Antropologia Pré-histórica, Antropologia Psicológica. O autor ressalta que apesar destas áreas serem independentes, elas mantêm uma relação estreita entre si.

A compreensão da profissão de Serviço Social implica o esforço de inseri-la no conjunto de condições e relações sociais que lhes atribuem um significado e nas quais torna-se possível e necessária. Afirma-se como um tipo de especialização do trabalho coletivo, ao ser expressão de necessidades sociais derivadas da prática histórica das classes sociais no de produzir e reproduzir os meios de vida e trabalho de forma socialmente determinada (IAMAMOTO; CARVALHO, 2005, p.76).

Nesse contexto, a velhice é entendida como a fase da vida em que os meios de produção e a força de trabalho não são concretizados, devido ao estigma de improdutividade, inatividade, invalidez, fragilidade, desse modo, relegando a pessoa idosa posições consideradas sem valor sociocultural. Esta forma de representação do idoso tem rebatimentos, principalmente, quando se trata da legitimação dos direitos sociais destinados a essa população, via políticas sociais.

Faleiros (2009), por sua vez, em seu artigo intitulado “Cidadania: os idosos e a garantia de seus direitos”, analisa a cidadania, considerando-a a partir do reconhecimento do sujeito de direitos “num Estado de direito, com participação”. O autor recorre à Declaração Universal dos Direitos Humanos e a Constituição Brasileira para abordar os avanços das leis que asseguram aos idosos direitos e deveres, como por exemplo a regulamentação da aposentadoria para homens e mulheres, o direito à Seguridade Social e à educação.

Porém, sabe-se que as pessoas que estão envelhecendo neste cenário de conquista de direitos também estão inseridas no contexto de desigualdade social, revelando a profunda contradição existente na conjuntura neoliberal, que, ao mesmo tempo que torna possível a conquista de direitos, os nega na mesma proporção.

### **Considerações gerais sobre envelhecimento, gênero e a mulher idosa**

Há séculos a realidade de desigualdade tem permeado o cotidiano das mulheres e as relações sociais que estabelecem com a sociedade. Esta diferença torna-se mais acirrada quando se trata da realidade do idoso, devido ao olhar da sociedade e do Estado, marcados pelo estigma da improdutividade, da debilidade física e mental, de representações que reproduzem práticas conservadoras.

No que tange ao gênero, Saffioti (2004) afirma que o gênero está relacionado às imagens que a sociedade constrói acerca do masculino e do feminino, ou seja, as relações de poder conferidas entre homens e mulheres, a partir de características concretas ou

simbólicas. A autora descreve o gênero através de um processo ontológico<sup>5</sup>, que transcende o determinismo biológico.

Compartilhando dessa análise que considera a perspectiva relacional do conceito de gênero, Barbieri (1993), assevera que os estudos sobre essa temática não devem considerar somente as mulheres; o objeto de pesquisa é mais amplo. Sendo assim, requer uma análise das relações mulher-homem, mulher-mulher e homem-homem em todos os níveis, âmbitos e tempos.

É nesse sentido que o presente trabalho pretende abordar a mulher idosa, inscrita nas suas múltiplas relações estabelecidas entre grupos sociais, na diversidade de formas pelas quais manifestam-se no social e as diferenças impostas a partir das disparidades culturais e socioeconômicas. Estes processos que permeiam a realidade da mulher estão em constante interação e são articulados a partir de contextos sociais distintos.

A partir disso, considera-se a mulher idosa inscrita no cenário contemporâneo, resultante da construção social que situa historicamente as práticas sociais e seus produtos. Na medida em que os sujeitos se relacionam, as relações ganham significados, conferindo formas às dimensões da vida em sociedade.

Nesse sentido, Debert (1994) afirma que tratar das categorias gênero e envelhecimento é analisar duas formas distintas de conceber a experiência da mulher e o avanço da idade. A autora faz alusão à relação dicotômica das análises de autores acerca da situação da mulher na velhice. De um lado a situação de vulnerabilidade, por ser mulher e idosa, e de outro a visão mais otimista quando discorre sobre a questão da aposentadoria e o fim da função procriativa na velhice.

A presença frequente da mulher ao médico, a partir do momento em que ocorre a menarca, o preparo para a utilização dos métodos contraceptivos na puberdade, os cuidados na gestação, torna possível a chegada das mulheres com mais frequência na velhice, considerando o fator saúde no quesito longevidade feminina.

Diante disso, constata-se que nos últimos anos as mulheres tendem a maior expectativa de vida em relação aos homens e que o contingente feminino é mais expressivo quanto maior é o avanço da idade. Estas afirmações são caracterizadas por demógrafos

---

<sup>5</sup>Neste trabalho, considera-se a reflexão ontológica de Marx sobre o ser social, na medida em que Marx “parte de uma concepção ontológica do homem, ou seja, ele quer entender o modo de ser de um ser social específico: o ser social burguês, posto na ordem do capital” (SANTOS, 2012, p.17)

como a “feminização da velhice”, ou seja, “a predominância feminina entre os idosos” (CAMARANO, 2004, p. 29).

Portanto, o debate acerca das condições socioculturais em que vivem as mulheres idosas implica na análise de fatores que vão além de dados quantitativos, que indicam uma proporção maior de mulheres em comparação à proporção de homens na velhice. A realidade das mulheres idosas é marcada por relações de dominação, conflitos geracionais, discriminação de ordem sexual e geracional, situação financeira desfavorável, entre outros desafios que acompanham a trajetória de vida ou intensificam-se, sobretudo na velhice.

### **A importância do gênero e do envelhecimento para o debate no Serviço Social.**

O Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão UNITERCI, é um Grupo de Convivência da Terceira Idade<sup>6</sup>, vinculado às práticas do curso de Serviço Social da UFPA, objetiva proporcionar a aquisição de novos conhecimentos acerca do processo de envelhecimento e velhice, oportunizando aos idosos a melhoria da sua qualidade de vida, autoestima, o exercício consciente da cidadania, o fortalecimento das relações interpessoais e intergeracionais, inclusão digital e social, bem como, colaborar na transformação da concepção da sociedade do que é ser idoso, na atual conjuntura.

Segundo Debert (2004), no Brasil os programas voltados para os idosos incentivam:

A busca da auto-expressão e exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento (DEBERT, 2004, p. 15).

A partir do levantamento quantitativo de homens e mulheres, participantes da 32ª e 33ª turma do projeto “Atualização Cultural na Terceira Idade”, constatou-se que do total de 63 participantes da 32ª turma, 11 são homens (17,4%) e 52 são mulheres (82,6%). Na 33ª turma, não houve significativas alterações. Verificou-se que do total de 60 participantes, 9 são homens (15%) e 51 são mulheres (85%).

Nesse sentido, Debert (1994) afirma que no Brasil os programas para a Terceira Idade mobilizam, sobretudo, o público feminino. Assevera também que, a participação masculina é marcada pelo posicionamento reservado e indiferente, contrastando com o engajamento e entusiasmo das mulheres na realização das atividades.

---

<sup>6</sup>Para Kist (2008), os grupos de convivência “são espaços de inclusão social do idoso promovendo sua participação, através das diversas atividades desenvolvidas, refletindo sobre o processo de envelhecimento, a qualidade de vida e a valorização da própria vida”.

Essa reflexão materializa-se nos espaços da UNITERCI. As mulheres, de modo geral, demonstram um significativo contentamento em pertencer ao grupo, inclusive executam as atividades bem-humoradas, expressam suas opiniões com mais frequência quando comparado com a participação dos homens.

Durante a realização da pesquisa, que compreende não só o momento da aplicação das entrevistas, como também, a vivência e convivência, a partir da inserção como bolsista e estagiária do programa UNITERCI, foi possível ter uma visão clara de como as mulheres, participantes deste grupo de convivência vivenciam e percebem o processo de envelhecimento e a velhice.

Dentre as mulheres entrevistadas, constatou-se a diversidade dos modos de vivenciar, perceber e participar do processo de envelhecimento, articulando práticas sociais distintas e representações, a partir do ser idoso (dimensão coletiva) e do se sentir idoso (dimensão individual), apesar de compartilharem do cenário amazônico, sobretudo comprovando o caráter heterogêneo do fenômeno da velhice.

Analisando as representações sociais, que são pensadas e interpretadas, a partir da diversidade de experiências na velhice de homens e mulheres, destaca-se as seguintes narrativas:

“Acredito que sim, porque existe além da diferença do sexo, existe a nossa sociedade, que muitas vezes valoriza um e despreza o outro, por inúmeros fatores. Então eu entendo que é vivenciada de formas diferentes sim” (L.G)<sup>7</sup>.

“É diferente, porque eu acho que os homens são muito acomodados, por eles serem idosos eles não aceitam muito a velhice. Mas, nós mulheres não, as vezes quando elas ficam idosas elas vão em busca de outras coisas, já o homem ele é acomodado, ele não tem muito divertimento igual as mulheres” (M.J).

Conforme Barros (2000), a mulher na velhice não está ligada da mesma forma à vida doméstica, isto é, os padrões e papéis estabelecidos às mulheres estavam ligados, sobretudo, à espera privada, ao mundo interno do lar, aos filhos e à família. Por outro lado, com a chegada da velhice, os homens afastam-se da esfera pública e passam a conviver, predominantemente, nos espaços internos da vida familiar.

Os relatos expressam a forma diferenciada como são visualizados o homem e a mulher na velhice, à medida que envelhece, a mulher estabelece relações permanentes com o espaço público, redescobrimo aspectos da vida “não-doméstica”<sup>8</sup>, sobretudo porque na juventude estavam ligadas fortemente ao espaço doméstico, familiar e ao lado do marido, que simbolizava a autoridade.

---

<sup>7</sup>Foram utilizadas as iniciais dos nomes verdadeiros das entrevistadas com o intuito de preservar o anonimato das informantes.

<sup>8</sup> Expressão utilizada por Barros (2000) para designar o espaço público.



No primeiro relato, pode-se observar, nitidamente, a diferença que a participante consegue estabelecer entre as características biológicas (sexo) e as características sociais que determinam o comportamento de homens e mulheres. A compreensão de que existem fatores socioculturais que estabelecem inclusive uma hierarquia entre os gêneros.

Ao questionar sobre a relação entre ser mulher e ser idosa, considera-se relevantes as seguintes falas:

“Acho que dependendo de como as pessoas encaram, às vezes a gente se acha discriminada [...]. Eu acho que pesa muito ser mulher e ser idosa” (R.E).

“Sim, ultimamente a mulher idosa está tendo mais espaço na sociedade né, antes era tido como só pra cuidar da casa e cuidar dos filhos, hoje a sociedade está abrindo espaço [...]” (L.G).

Pode-se observar nessas narrativas as diferentes visões sobre o envelhecimento feminino. Na primeira fala, percebe-se que a vivência da velhice para a mulher carrega em si uma dupla discriminação ou vulnerabilidade, embora a participante não tenha explicado o “peso” dessa dupla condição.

Nesse sentido, Debert (2004) discorre sobre este “peso” recorrendo a alguns autores que analisam este fato como a dupla vulnerabilidade, “com o peso somado de dois tipos de discriminação – como mulher e como idosa” (DEBERT, 2004, p. 140), ou seja:

Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem, antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados a perdas, como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade (DEBERT, 2004, p. 140).

No entanto, as mulheres participantes fazem parte de uma geração que foi criada e socializada dentro dos padrões de gênero. Todavia, os relatos demonstram que estas mulheres buscam romper com certos paradigmas relacionados ao ser feminino e ao ser idoso, a partir disso construindo práticas sociais diferentes daquelas vivenciadas na juventude.

No que se refere à participação no programa e às mudanças decorrentes da inserção das idosas nas atividades da UNITERCI, consideram-se relevantes as seguintes narrativas:

“O Programa UNITERCI foi pra mim um marco nessa fase da minha vida, porque a gente estuda, entende, lê, participa de rodas de conversa de temas relacionados ao processo de envelhecimento [...] Com a UNITERCI eu aprendi a me valorizar mais como pessoa” (C.P).

“primeiro eu não tinha contato com a mídia [...] Mas quando eu cheguei aqui, os meus colegas, as palestras me despertaram o interesse pela tecnologia, agora eu já tenho um celular smartphone [...] aqui eu senti vontade de fazer o que antes era só no pensamento” (L.G).

“Maravilha, coisas boas, porque pra mim foi uma mudança de vida na minha idade [...]” (T.R).

Pode-se observar que as experiências resultantes da participação dessas mulheres na UNITERCI proporcionaram a descoberta de novas potencialidades, à medida que no segundo relato a idosa expressa a inclusão das novas tecnologias ao seu cotidiano. A primeira narrativa demonstra a relevância do fomento de conhecimentos acerca das transformações intrínsecas ao envelhecimento humano. Desse modo, foi possível constatar a mudança de hábitos, frente à realidade vivenciada pelas participantes, a partir da inserção destas no grupo de convivência da UNITERCI.

A relevância da discussão das categorias envelhecimento e gênero imbricados, para o debate no Serviço Social, tendo como referência a abordagem antropológica, implica, em primeiro lugar, o reconhecimento da importância desse conhecimento para o desvelar da realidade, na qual se apresenta ao cotidiano do profissional carregada de aspectos do imediato, aspectos que constituem a aparência dos fatos.

Em segundo lugar, reconhece a diversidade dos modos de vivenciar, perceber e participar das relações de gênero e do fenômeno da velhice, importantes para conceber a velhice não como um fato total, mas como, a fase da vida carregada de particularidades regionais, de classe social, raça/etnia, geração, gênero, dando sentido à relativização de padrões culturais.

As contribuições da discussão dos conhecimentos que envolvem as categorias envelhecimento e gênero, na atual conjuntura, são orientadas a analisar a realidade na sua totalidade, privilegiando não só aspectos particulares, mas pretende construir mecanismos que auxiliem na atenção plena das múltiplas questões que envolvem a velhice e as relações de gênero.

### **III. CONCLUSÃO**

O recorte da pesquisa intitulada “Envelhecimento e Gênero: uma reflexão acerca do Programa UNITERCI” proposta do estudo sobre a temática do envelhecimento feminino, a partir do contexto amazônico, no período de 2015 a 2016, possibilitou a desconstrução da concepção de que existe uma forma ideal de envelhecer, desse modo, relativizando as

maneiras de vivenciar e entender o processo de envelhecimento, sobretudo, a partir de novas práticas e posições culturais.

Nesse sentido, conclui-se que não se deve tentar conceituar a velhice feminina, em moldes fechados, com papéis preestabelecidos, instituindo representações que desqualificam a mulher idosa. Esta pesquisa permitiu observar a diversidade dos modos de vivenciar, perceber e participar do processo de envelhecimento, a (re)construção de novas práticas sociais relacionadas à identidade da mulher e do ser idoso, demonstrando que a velhice pode ser um momento de novas descobertas, experiências e de superação de estigmas ligados à velhice e também à mulher. Cabe investigar e compreender as particularidades acerca da categoria envelhecimento e gênero, levando em consideração as múltiplas determinações que a permeiam.

Todavia, é essencial para o processo de garantia dos direitos e legitimação da cidadania da pessoa idosa a democratização dos debates e o conhecimento do contexto das relações sociais concretas, permeadas pelas contradições e desigualdades sociais provenientes do processo capitalista de produção, que se expressam nas múltiplas manifestações da questão social, impactando as dimensões objetivas e subjetivas da vida em sociedade.

Diante disso, conclui-se que Serviço Social, enquanto profissional que atua em consonância com os princípios do Código de ética e Projeto Ético-Político profissional, juntamente com seu arcabouço teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo, a partir da visão crítica da teoria social de Marx, é essencial o entendimento da complexidade das relações sociais, para que desse modo possa intervir na direção da transformação do status quo.

Compreender que a velhice e o processo de envelhecimento são processos heterogêneos, são construções sociais, atravessadas por trajetórias, perdas, memórias, culturas, etc. Resistir e enfrentar concepções preconceituosas do senso comum, engendradas no seio do neoliberalismo, que estigmatizam a velhice, é fundamental ao desenvolvimento da participação social e empoderamento desta população, no sentido da concretização da cidadania e dos direitos sociais.

#### IV. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi de. **Modernidade e velhice**. In. Revista Serviço Social & Sociedade, nº 75. Ano XXIV. São Paulo: Cortez, 5-18, 2003.

BARBIERI, Teresita. **Sobre a categoria gênero: uma introdução teórico metodológica**. Recife: SOS Corpo, 1993.

BARROS, Myriam Moraes Lins de (orgs). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre a identidade, memória e política**, 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

CAMARANO, A. A. (org.). **Os novos idosos brasileiros. Muito além dos 60 anos**. Rio de Janeiro: Ipea, 2004.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. 1. Ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Gênero e envelhecimento: os programas para a terceira idade e o movimento dos aposentados**. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, 1994.

IAMAMOTO, Marilda Vilela, CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 3.ed. São Paulo: Cortez; Lima, Peru: CELATS, 2005. [1.ed. 1982].

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Brasília 2010.

KHOURY, H. T. T. **Controle primário e controle secundário: relação com indicadores de envelhecimento bem-sucedido**. 2005. 210 f. Tese (Doutorado).

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo, Brasiliense, 2003.

NETTO, Antônio Jordão. **Gerontologia Básica**, São Paulo: Lemos Editorial, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Cláudia Mônica dos. **Na prática a teoria é outra?: mitos e dilemas na relação entre teoria, prática, instrumentos e técnicas no serviço social**. 2 Ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012

KIST, R. B.B. **O processo de trabalho do assistente social e a garantia de direitos do idoso a partir da abordagem grupal**. 162 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/5213/1/000435138-Texto%2BCompleto-0.pdf>. Acesso em: 18 de set de 2016.

VERAS, Renato Peixoto. **A longevidade da população: desafios e conquistas.** In. Revista Serviço Social & Sociedade, nº 75. Ano XXIV. São Paulo: Cortez, 5-18, 2003.

ZIMERMAM, Guite I. Velhice: aspectos biopsicossociais, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.